

REVISTA DA SEMANA

Rio de Janeiro, 20 de Janeiro de 1912

Anno XII — N. 610 — Avulso 300 réis
— Avenida Central 110 e 112



A "Revista" inicia hoje uma
nova phase... Cuidadinho, pois !...



CONCORDEMOS que é um titulo enervador este que escolhi para esta chronica rapida e frivola.

Semana risonha !... Semana risonha !... Mas onde diabo ha de ir o chronista buscar riso e notas alegres e assumptos joviaes para *compte rendu* dos 7 dias cariocas, com as coisas pretas como estão, a "cavação" dfficiel como a temos, os ares turvos como andam ?

O carioca—todos o sabem, ninguem o remedeia—é macambuzio de natureza. Só sabe rir e fazer diabruras pelo Carnaval. Fóra disso é mazorro, é sorumbático, é *perú*... Isto, de habito, quando a vida lhe corre serena e macia como um automovel pela Avenida Beira-Mar.

Imaginem lá agora, que carranca austera, que ares tragicos, que aspecto tenebroso não terá elle quando uma semana passa, como esta, entre boatos assustadores e noticias alarmantes, prenhe de factos que não fazem rir e de preoccupações que fazem pensar...

Fica, positivamente, o carioca amigo, com a cara classica, desoladora e desolada, de quem comeu e não gostou, — e não ha maneira de se lhe tirar ao aspecto e á alma, essa afinação em tom de grande scena do 4º acto de dramalhão.

Pódem-se-lhe contar as coisas mais engraçadas deste mundo, as piadas mais hilares, as *boutades* mais comicas, pódem-se-lhe mesmo fazer cócegas nas axilas, tudo será baldado. Chegará a armar um sorriso, de boquinha apertada — sorriso que é mais um muchôcho; será até capaz de ter um frouxo de riso, se as cócegas forem muito insistentes *in situ*, como dizem os toureiros hespanhóes, mas voltará logo á primitiva fôrma: o ar triste e grave de quem acompanha o enterro de um parente rico que deixou toda a fortuna a estranhos...

E nem se limitará a esse ar. Procurará pas-sal-o ao que o quiz distrahir, tratará de o inocular ao interlocutor, ou ao fazedor de cócegas, fallando-lhe logo nas coisas desagradaveis que o atormen-tam: a grêve dos cozinheiros, — "é o diabo, sa-bes ?" — a dos padeiros — "imagina lá; a cida-

de sem pão !..." — a dos marmoristas — "faze idéa: os defuntos sem tam-pa !" — o caso da Bahia — "onde vamos parar, ó filho ?..." — o *mee-ting* do largo de S. Francisco, em que o triumpho foi pau — "está ruim, isto, rapaz, muito ruim !..." — e mais em desastres d'automovei, no Carnaval sem prestitos — por falta d'auxilio do go-verno, na semana d'aviacão perielitante, á mingua de premios, no mata-mosquitos despedidos e o consequente perigo da volta do stagomya, todos os factos em-fim que encheram a semana mais de pranto e de suspiros que de riso...

Porque, em verdade, meus amigos, riso nos sete dias, só o houve nos altos céus azues. Ahi, sim. A' parte umas tardes de trovoadas, car-rancudas — contagio por certo da carranca do ca-rioca — os dias foram de claro e luminoso riso nas Alturas, riso do sol de verão ardente e desvai-rado.

Esse mesmo, porém, de tão exagerado, tocou as raias da gargalhada — gargalhada de luz lá em cima, que cá abaixo nos chegou como gargalhada de fogo — e mesmo as transpôz, transformando-se em crise, a Crise do Calor, que vem a ser mais uma a enriquecer a collecção variadissima de crises que já possuia esta boa a curiosa terra de Santa Cruz.

Mas o calor, não tem apenas a vantagem, preceituada pela Physica, de dilatar os corpos.

Na nossa Capital a sua mais preciosa qualida-de, a sua virtude suprema é a de atirar para a rua, incitar ao passeio, ao *footing* pela Avenida e adja-cencias, as nossas patricias formosas.

Rebenta um dia de soalheira feroz, cruel, per-de a cabeça o thermometro e invade a casa dos trinta e, é certo, é infallivel: as moças bonitas e as senhoras elegantes, em linhos claros e rendas leves como bandos d'aves encantadoras, abandonam os ninhos e vôam para o coração da cidade, e na plena luz, do meio-dia estival, sob o oiro faiscante do sol, passam e repassam, sorridentes e ditosas, indif-ferentes á cannicula. insensiveis á temperatura de fornalha, que a nós, homens, tanto tortura e deses-pera !...

Por isso. só por isso: bemdito seja o calor... entre as Mulheres !

B. C.

NOVA PHASE



Com o numero d'hoje, inicia a *Revista da Semana* uma nova phase da sua vida, já longa.

Evoluir é a função constante de todas as coisas e é essa função que nos incita ás modificações que os leitores apreciarão.

Resenha rapida e viva da vida tumultuosa da Capital, pela chronica ligeira, pelo commentario leve e, principalmente, pela illustração photographica ou desenhada, a *Revista da Semana* não quer ter o ar grave e casmurro de quem préga verdades como pu-

nhos, mas o sorriso gracioso e descuidado de quem está convencido de que *le rire est le propre de l'homme*.

Será, pois, risonha, muito risonha a toada desta nova phase e, para que bem o seja, foi a sua direcção confiada a dois humoristas, de nome feito já, nos arraiaes do humorismo nacional: Raul Pederneras e João Phoca.

O primeiro tem a seu cargo a parte artistica, o segundo a parte litteraria da *Revista da Semana*, a partir d'hoje e, um e outro, auxiliados por *Bambino* e por *Luiz* — festejados artistas do lapis — e pela competencia e gosto do Director tecnico Coronel Gaspar de Souza, procurarão tornal-a um *magazine* capaz de realizar o prodigio de *contenter tout le monde et son père...*

E' este o nosso desejo; será esse o nosso empenho... se o conseguimos, se o realizámos, dirão o leitor que saudamos e a leitora cuja mão beijamos, reverentes e acurvados, numa cortezia larga e solemne, á mançira das do grande seculo...

REVISTA DA SEMANA

Sogra e genro:

— O seu cunhado é mais amavel que o senhor. Quando a sogra parte, vae acompanhál-a á gare.

— Pois claro... é para ter a certeza que ella partiu !

— (o) —

Conta o grande Fialho, do grande Junqueiro:

Era ainda nos tempos de solteiro, e foi a um dos bailes que davam os Condes de Magalhães, cêrca das festas do Natal. O antigo Conde de Mesquitella, que recentemente fôra pelo Rei D. Luiz creado Duque d'Albuquerque, estava a uma porta das salas, em *toilette* d'etiqueta, garrida certo, mas desmanchada e mal posta, como a de quasi todos os velhos sem familia, que os criados tratam por favor. Sob a curva interior dum chinó de lustroso e negro pello acabado de vir do Baron, novinho em folha, resalhiam na cabeça do fidalgo, franjas mui-

alvas de cabello verdadeiro, e isto ou porque o chinó novo ficasse ás tres pancadas, ou porque o criado de quarto não advertisse mandar cortar cêrce essas cans indiscretas de seu amo.

Junqueiro, que largando o buffete, pela primeira vez fallava ao novo grande, depois das cortezas da apresentação, diz-lhe ao ouvido:

— Duque, que se lhe está a vêr, por baixo, o chinó de Conde.

OS QUE ENTRAM...



O novo Ministro da Marinha Contra-Almirante Belfort Vieira



Dr. Carlos Seidl, novo Director da Saude Publica
Clichê Musso.

A etiqueta hespanhola.

Os Reis de Hespanha não são apenas escravos da etiqueta. Muitas vezes são victimas della.

Um dia o Marquez de Prabar percebeu que um brazeiro que ardia na camara real incommodava Sua Magestade, por estar muito proximo da cadeira onde se sentava o Rei. Convidou o Duque d'Alba a fazer com que retirassem d'alli o brazeiro, mas o Duque observou-lhe que essa honra pertencia ao Duque de Usseda.

Emquanto procuravam esta importante personagem, o brazeiro fazia tão bem o seu papel que Philippe III, o Rei em questão, apanhou uma erisypela de que morreu passados dias.

Olhem lá que gracinha, hein ? !



Vieira Fazenda

*que sabe a vida
do Rio de Janeiro
desde criança.*

*(O Rio, está
claro.)*

Dona Politica

DONA Politica, conhecem os senhores muito bem... E' aquel-



la gorda dama de mangas arregaçadas e olhar velhaço, cabellinho na venta, faca na liga e mais ronha, dentro de si, que todo um cento de rapozas velhas.

Ora Dona Politica, na vida nacional conseguiu um predomínio tal, uma tal preponderancia que já ninguém lhe escapa, já ninguém se furta á sua influencia.

Nestes ultimos tempos, então, é um Deus nos acuda: politica por todos os lados, de todos os feitios, a todas as horas, em todos os logares.

Sendo assim, não podia a *Revista da Semana*, que é, o mais bem informado dos hebdomadarios— não desfazendo— deixar de crear uma secção toda consagrada á famigerada senhora...

Cá está ella e lá vae obra...

*

* *

Na Bahia as coisas estiveram pretas. Armou-se por lá uma tal encrenca que quando o Sr. Seabra foi ver o quitute que lhe preparava a Mu-



lata Velha, e mexeu a panella, ficou assombrado:

— O' diacho, o vatapá encaroçou — exclamou S. Exa. coçando a cabeça...

— Quaes vatapá,—yôyô,—gritou do lado a voz da Mulata... Isto, o que é, é angú de carço e com molho de ameixas..

— De ameixas ?

— De ameixas do forte de S. Marcello, yôyô...

*

* *

No Ceará, papae Accioly, vendo a estralada bahiana, foi logo á bacia...

Não, que elle sabe muito bem que quem vê a barba do visinho a arder, põe o *cavaignac* de molho...

*

* *

Em S. Paulo, tudo azul, tudo pelo melhor como no melhor dos mundos.

Os Srs. Rodolpho Miranda e Rodrigues Alves, deram o *osculum pacis* — (não é assim que se diz em latim, mestre Laet ?).

Quer dizer que os dous partidos adversarios estão d'accordo; accordaram...

Commentario de um sceptico:

— Quando elles, dormindo faziam o que faziam, imaginem lá, o que não será agora que estão accordados..

*

* *

Em Pernambuco serenaram as cousas e o governo do General Dantas parece navegar em mar de rosas e... sylvas.

As sylvas cheias de espinhos, são a opposição que ainda dá os seus botes, ainda tenta arremeter, de vez em quando.

O General Dantas, porém, sabel-a-á pôr no seu lugar, uma, duas, dez, vinte vezes, sem que se realize aquella prophecia do allemão:

—“Dantas vezes vae o gántaro á fonte, adé que um tia se guébra..”



O Coronel Clodoaldo conta derrubar a olygarchia do seu Estado — o Estado das Alagoas, do surúrú e do bagre. Sabemos que S. Ex. chegou mesmo a declarar:

— Hei de vencel-a sem custo, mesmo porque, aquillo não é uma olygarchia, mas apenas uma *malta*...

* *

O Senador Arthur, lêmos num jornal, parece que não consegue realizar o accordo de seu tio com o Sr. Lauro Sodré. Consta mesmo que os lauristas, ao saberem os desejos do velho Lemos, telegrapharam ao Sr. Arthur:

—“Senador Lemos — Talvez te escreva-

mos !...” — Enquanto um chefe lemistá marconigraphava ao mesmo senhor:

—“Escrevemos, não Lemos, *espetemo-nos*...”

* *

A terra gaúcha mostra-se encantada com a promessa do candidato militar de fazer um governo de conciliação, uma política suave e amena....

Amena... Barreto, está claro.

* *

No Espirito Santo parece ter amainado o temporal político. Isso prova que, para trovoadas, ainda tem seu valor e sua influencia Santa Barbara e S. Jeronymo... Monteiro.

MELLO MORAES FILHO



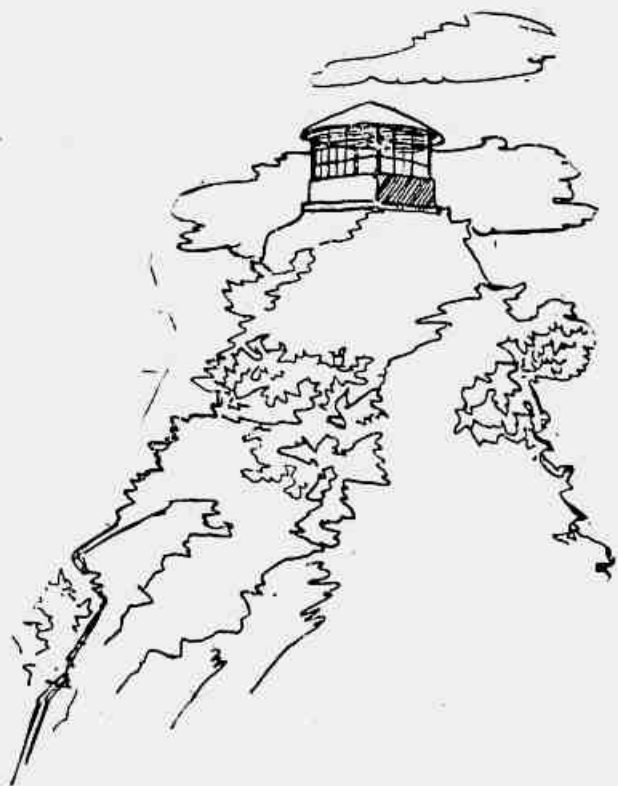
Outro chronista que sabe a vida do Rio desde nascença

ALTAS CONVERSAS...

Alta noite, quando todos dormem e os guarda-nocturnos também, ha conversas pelas alturas, pelas alturas das tres da madrugada.

Uma d'essas conversas conseguiu apanhar a reportagem da "Revista" que, essa não dorme. Interlocutores: o Chapéu de Sol do Corcovado, a Aguia do Municipal (sempre d'ovo alerta), o Olho Armilar do "Jornal do Brasil" e o Gallo da torre de S. Francisco, gallo que—Deus me perdôe—mais parece um marrêco, "à la broche".

CHAPEU DE SOL—(recitando):
Vae alta a lua na mansão da...
(fallando com as suas varetas)
Agora, por lua... Que triste si-



na ser guarda-sol até quando vae alta a lua...

O OLHO ARMILAR — Que é isso, compadre Guarda-Sol, suspirando ?...

CHAPEU — Pensando na vida, que a morte é certa... Mas não fallemos em coisas tristes... Diga cá: viu o vôo do avião, hoje á tarde ?

OLHO — A' tarde ?... A' tarde não vejo coisa alguma. Durmo o dia todo... Não, que elle é barro estar uma noite inteira accezo, a ver o que se passa em toda a cidade !

O GALLO DA TORRE—Vi eu o vôo... Coisa mais maluca ! Cruzes !... Credo !... Chego a ficar arrepiado só de pensar na doidice d'um homem andar n'aquellas alturas. Eu aqui e, para mais, espetado pela barriga, bem

sei os sustos que apanho quando olho para baixo...

CHAPEU — Lindo vôo !... De longe parecia uma aguia.

A AGUIA DO MUNICIPAL — Se



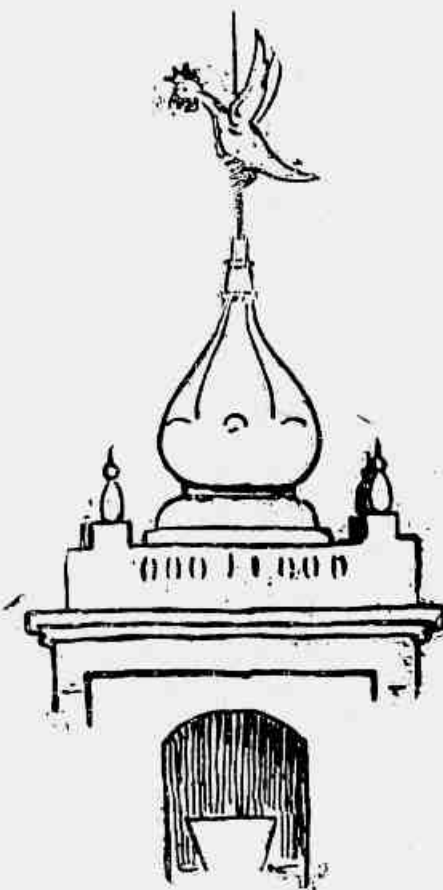
parecia !... Ai ! ai !... A illusão que eu tive ! Cheguei a pensar que fosse um d'aquelles aguiões do Cattete que vinha verme... Ai ! ai !... Que abalo tive !... Como me bateu o coração ! Fiquei tão nervosa que quasi deixei cahir o ovo...

GALLO — Ai, a doida !

OLHO — Pelo que vejo, comadre Aguia aborrece-se na sua solidão !

AGUIA—Se me aborreço ! Ha nada peor do que ser solteira. Ah ! meu caro, eu não comprehendendo a solidão se não a quatro mãos...

CHAPEU — A quem Vossa Excellencia o dizes... Aqui es-



tuou eu, neste cocuruto de Corcovado, a morrer de tédio, doido por encontrar uma companheira...

OLHO — Uma companheira ?...

Mas é facil... (parodiando o Brasão na "Leonor Telles")

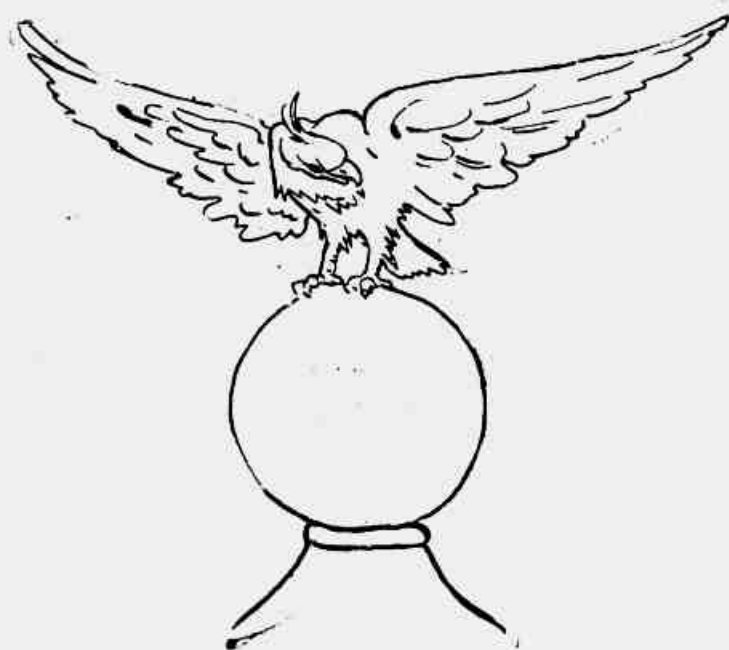
Elle ha tanta bengala !...

GALLO — E sombrinhas...

CHAPEU — Uma sombrinha é que era o meu ideal. A sombrinha é mais cheia que a bengala. Veste melhor... Sedas; ás vezes rendas... Mas não as ha para o meu tamanho. São todas sombrinhas minúsculas e eu sou um brutamontes, maior, maior do que a malva do Dr. Frontin, maior do que um guarda-sol de colono, maior do que os que usavam os engraxates, antigamente...

AGUIA — O meu mal é ser de ferro... Pensam que, porque o sou não tenho coração... Engano... Póde-se ser de ferro e ter-se um coração d'arminho... Eu tenho... Tenho mas ninguém o quer !... Ai !... ai !...

OLHO — Chi !... Comadre Aguia está estragadinha do co-



ração !... Apaixonada d'uma vez !...

CHAPEU — E o Gallo amigo, também não tem a sua paixãota ?

GALLO — Eu ? Cruzes ! Canhoto ! Deus me livre e guarde ! Sou lá dessas coisas !... Gallinhas ? ! P'ra longe ! Nem velas !

CHAPEU — Ora deixe lá que, em frango, você, com certeza não fallava assim...

GALLO — Eu ? Eu ?... Não diga isso, seu Chapeu, nem brincando ! Nunca me dei a essas violencias. Fui sempre gallo de torre, nunca fui gallo de terreiro.

AGUIA — Eu também nunca fui de terreiro. E é isso que me dóe... Fui de ferreiro, isso sim; de ferreiro que me fundiu. Mas lá na officina não havia aguias

d'outro sexo. Eram todas do feminino, em casa do ferreiro...

CHAPÉU—Ah! isso é sabido: casa de ferreiro, espeto de pau...

ÁGUIA — Mas, afinal? Que hei de eu fazer contra este mal da minha solidão...

OLHO — E' paixão não é? Paixão recolhida... Pois então, já sabe, chupe limão... Chupe que é santo remedio... Chu...

Não chegou a acabar. Parou no chu; faltou-lhe o pe... e apagou-se o Olho Armilar do *Jornal do Brasil*...

Vinha a nascer o sol como acontece todas as manhãs... quando não chove...

R. E. Porter.

(Desenhos de BAMBINO)

—(o)—

Está creada a Escola de Policia. Agora é que se vae ver como ellas mordem. Sem terem aprendido, só por intuição, já as coisas eram o que eram e os presos, profissionaes ou simples amadores de ocasião, chuchavam e chuchavam... e não era canna doce. Imagine-se agora, quando houver doutores em lambada, bachareis em "dá-lhe que inda mexe!..."

O diabo queira ir p'r'a o pau, quando elles deixem de fazer o serviço d'ouvido e o passem a fazer... por musica... de pancadaria, está claro...



Garotagem do Castello

Sabemos de fonte limpa que o Sr. Elysio de Carvalho, director da nova Escola de Policia, nomeará o Sr. Dr. Cunha Vasconcellos lente da mesma Escola, para reger a cadeira de *Manejo do Pau Preto*.

—(o)—

Calino gabava-se de ter sido jurado uma vez, contribuindo para que fosse castigado um homem que tinha roubado um relógio e um guarda-chuva.

— Então o jury condemnou-o?

— Pudera! A cadeia temporal.

— Que barbaridade!

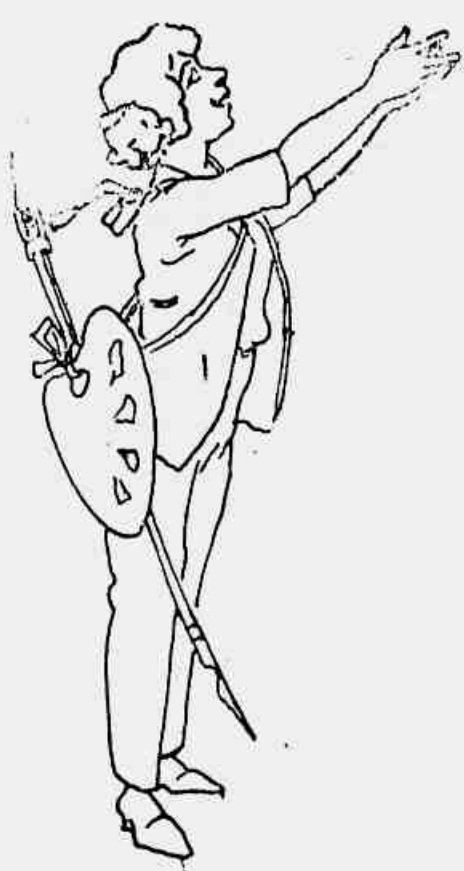
— Pois não ha nada mais logico. A' cadeia pelo relógio e ao temporal pelo guarda-chuva.

O RIO... VELHO



Os Capuchinhos do Castello — A Igreja do Convento... (Com vento e tanto vento que até a roupa está a dansar na corda bamba...)

A flôr da nossa gente...



A fundação
da Cidade... Nova

Estacio de Sá... n. 2

12/12
9/12



SANTOS DUMONT

A AVIAÇÃO NO RIO



BARRIER · GARROS · AUDEMARS

O Rio anda agora de nariz para o ar...

Nunca o viramos assim... Lá de cabeça no ar mais ou menos, tem elle andado toda a vida. De nariz espetado para as alturas, porém, só agora...

A razão dessa attitude é a aviação.

A aviação e os aviadores, que, agora, todos os dias, a nota, o chá — como se dizia aqui ha uns annos — o cházinho é a passagem d'um aviador sobre a cidade, no seu passaro enorme e sereno, com o motor a ronronar como um gato gordo, a dormir ao sol.

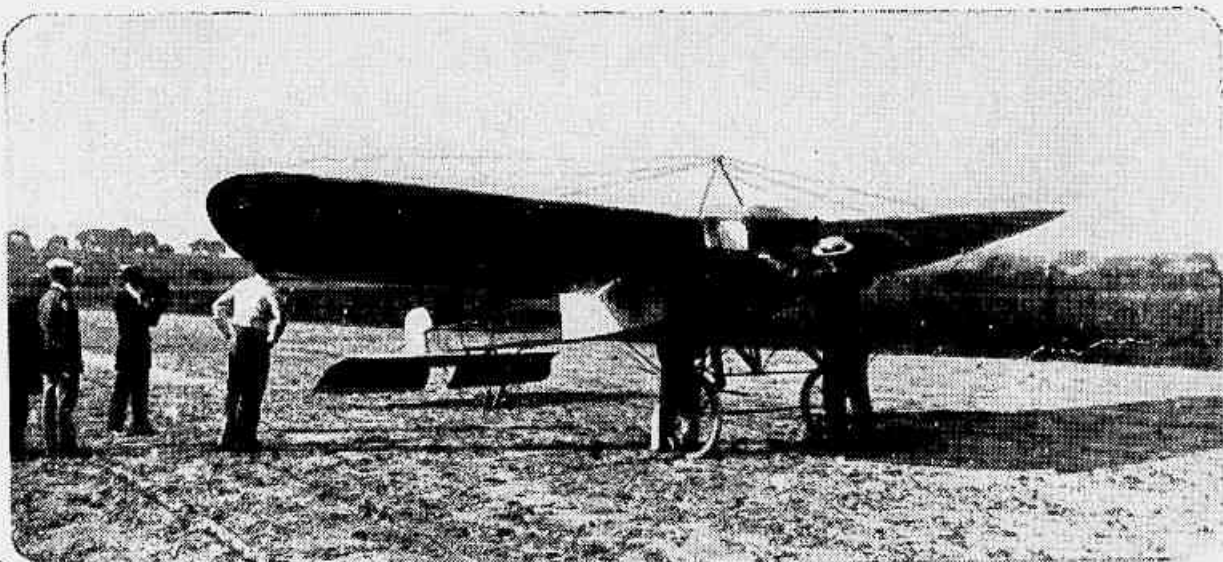
Está a cidade no seu bulicio de colmeia, todos d'olhos no chão, a ver onde seja o melhor sitio para "cavar" o seu, quando uma voz brada:

— Lá vem o Garros!...

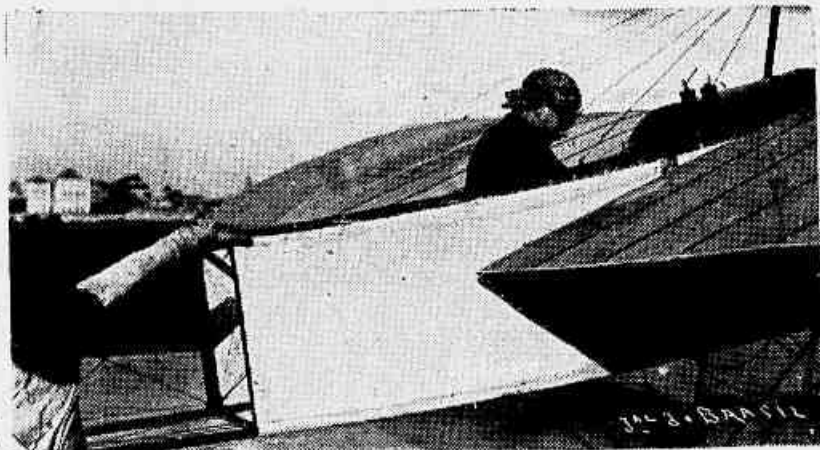
Esse brado é como um toque de clarim que ordenasse a um exercito inteiro:

— Levantaaaarrrr... narizes!...

Todos, todos os transeuntes — o feio e o bonito; o moço e o velho; o rico, o pobre e o assim-assim; a senhora e a menina; o são e o doente; o estrangeiro e o nacional; o branco, o negro e



OS PREPARATIVOS PARA A SUBIDA DE GARROS



GARROS NO PRIMEIRO ARRANCO:
— "LACHEZ TOUT!"

o fausse-négre — todos emfim, numa manobra rapida e certissima voltam os béques para cima, a furar o espaço, a procurar o aeroplano...

A procurar, nem menos, pois, é tal a ancia dos narizes e das narinas dilatadas, que, dir-se-ia ser, com elles, mais talvez pelo faro do que com os olhos, que os cariocas descobrem, cortando os céus formosos da nossa terra, as aguias de França.

E Darioli, Garros, Barrier,

Audemars passam e lá vão, placidos e soberbos, seguidos d'olhares d'admiração e de pasmo ante tanto arrojo, tão grande audácia...

Ah ! os aviadores !... Ah ! os realizadores do sonho de Icaro !... Felizes homens !... O que elles têm feito bater os corações sensíveis das nossas formosas patricias ! Uma não ha que, ao ver os voadores arrojados, não sinta o peito agitar-se fortemente.

Primeiro é de terror, de medo, o sentimento — não vá o passaro cair, partida a aza ou parado o motor. Depois, ao vel-o planar tão calmo, tão senhor de si, o entusiasmo vence o receio e são já alegres, confiantes e ardentes as palpitações.

Por fim, vem a inveja... Inveja sim, mas da boa, da nobre inveja, da inveja que não é peccado feio, nem sequer fraqueza censuravel — inveja que é vontade de ser tambem aviador, ter umas azas possantes e velozes e com ellas fugir da terra e das suas misérias, subir bem alto e lá, sem cuidados e sem preocupações, sob o ouro purissimo do sol, por entre nuvens claras, ir singrando os ares, para diante, sempre para diante, rumo do Além, caminho do Infinito...

Ah ! Garros, Barrier, Audemar, Darioli, homens-passaros, aves humanas, que felizes sois, vós que podeis, por momentos, por horas, fugir ao *terre-à-terre* e voar... voar... voar...

SAUDADE DO MEU CACHIMBO

O meu Cachimbo é o meu melhor amigo,
Com elle passo entretido horas inteiras,
A' sombra desse cajazeiro antigo
Cheio de lichens e de trepadeiras.

Entre a fumaça diáphana, maldigo
As minhas amarguras passageiras;
E este mundo de infamia e de Castigo,
Parece-me o Jardim-das-Oliveiras...

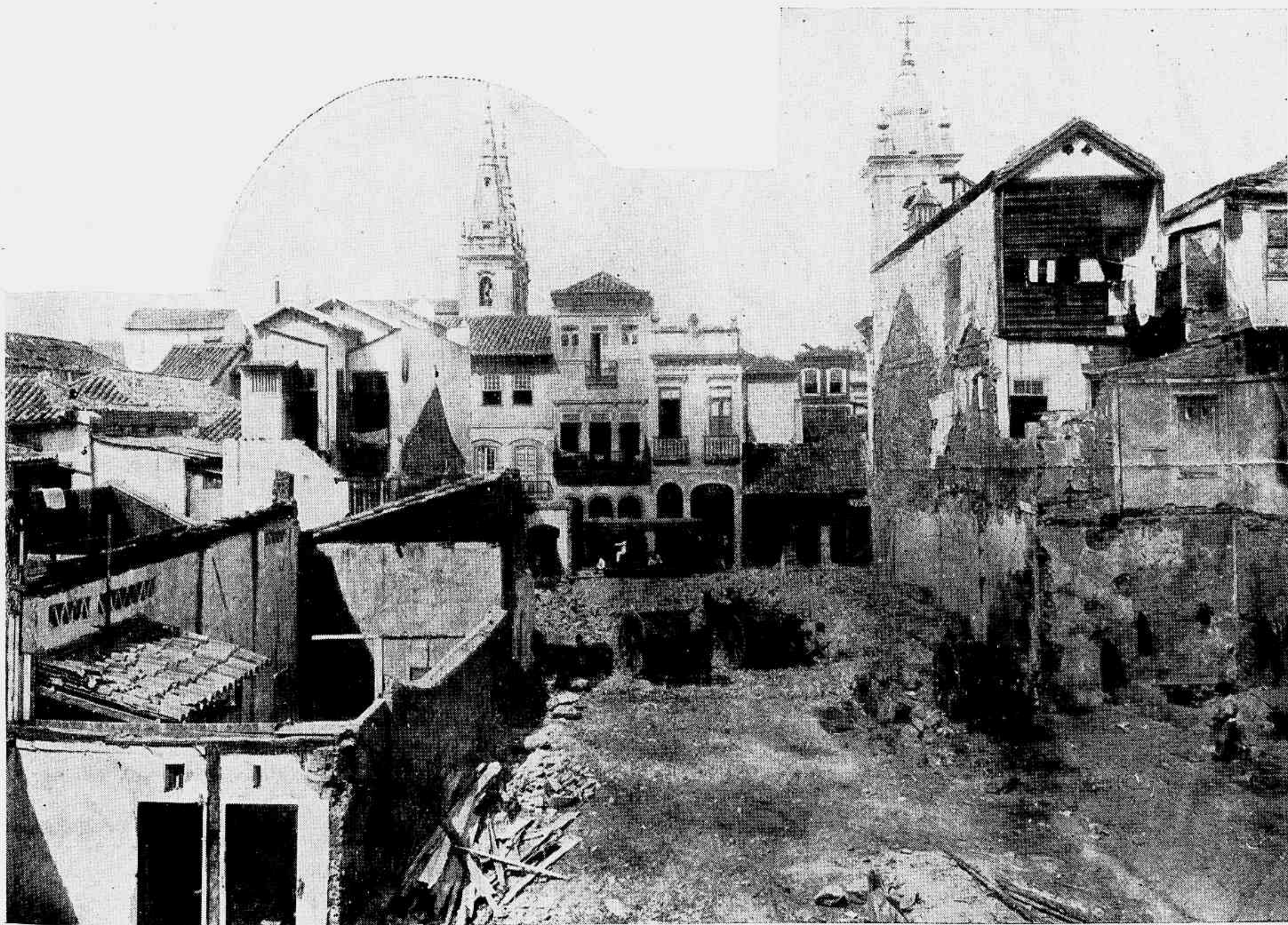
Sonho e vejo-te ardente de desejo.
Vens e deixas cair na minha testa,
O sinête de lacre do teu beijo.

E nesses devaneios sensoriaes,
Quando acórdo do Sonho, só me resta
Um punhado de Cinzas... Nada mais.

Olegario Marianno.

RIFÕES

Agua molle, tanto, tanto
Bate na pedra que a fura.
Só não transpassa o meu pranto
Do teu peito a pedra dura.



O RIO NOVO — Onde começa am os melhoramentos cariocas — As demolições para abertura da Avenida Passos



Commemora e bebemora no dia de hoje o anniversario da sua fundação, a heroica e leal cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Muito crianças ainda nesse tempo quantos trabalhamos na "Revista da Semana", nenhum de nós se lembra bem de como foi esse servicinho da fundação, nem de como era a cidade, antes de ser fundada. Tratamos então de deitar indagações, a respeito, com os que sabem disso, como gente grande e fomos aos Srs. Mello Moraes Filho e Vieira Fazenda, que são formados no assumpto. Ouvimos tambem o Coronel Ernesto Senna que, ao tempo, começava a sua carreira de reporter, tendo tido mesmo a honra de ser o primeiro jornalista que fez "interview" com o Sr. Estacio de Sá. Eis o que apurámos.

Como bem pódem imaginar os leitores, o Rio de Janeiro, quando, em mil sciscentos e coisas, nesta mesma data — 20 de Janeiro — foi fundada, não era bem, bem a cidade que hoje se ostenta, á plena luz da civilização d'este seculo dos aeroplanos e dos desastres d'automovel.

Certamente já possuia quasi tudo que hoje temos, mas em menor escala, em ponto pequeno, em estado rudimentar, sem as melhorias que os Srs. Progreso e Pereira Passos depois introduziram.

Assim, por exemplo, o caes Pharoux — nesse tempo caes Tibiripó, que vem a ser Pharoux em lingua de indio — não tinha aquellas escadas cheias de limo,

nem aquelle parapeito todo em ós e que parece ter sido feito para indicar que alli é que se embarca para a O'ropa.

O Pharoux, nessa época, era apenas uma praia de tijuco e mangue — *praiapó tijucureby*, em tupy (*tupy or not tupy*) — sem bancos nem grammado, mas com muitas arvores e já, ao centro, aquella compoteira grande em cima d'um prato fundo que finge de chafariz.

A rua do Ouvidor era já estreita, que isso nunca houve no mundo rua mais teimosa do que essa. Desde pequenina deu-lhe para ser daquella largura que nunca houve lei de recuo que pudesse com ella.

A Avenida Central, nesse tempo, ainda não era Avenida, mas já era Central, muito mais Central do que a Estrada de Ferro que ainda não existia, nem com o primitivo nome de E. de F. D. Pedro II, nem com o segunditivo titulo de E. de F. Caveira de Burro.

Toda a vida elegante da época fazia-se na rua do Ouvidor e o proprio Estacio de Sá vinha, todas as tardes, do começo do Rio Comprido onde morava, para a terrasse de uma casa de guaraná (coresponde aos bars e aos cafés d'hoje em dia) ver passar os *smarts* de tanga á bocca de sino, cocar derrubado para a nuca, massa, clava



ou tacápe (segundo a cathegoria e as posses de cada um) de volta como as actuaes bengalas, pendurada no braço direito; pulseira-lembrança da correcta, no pulso esquerdo e as senhoras elegantes de saia travadinha,



A "ENTREVÉE"

chapeus de pennas e plumas e — coisa rara em senhoras elegantes — sem postigo nenhum.

A banda allemã de então — vejam o que era o patriotismo nesse tempo! — era toda indigena e só tocava musicas nacionaes:



UM DA BANDA

a Maria Cachucha, o Partimos para Matto-Grosso, o Amor tem fogo, o Quem comeu do boi?, etc., etc. e o musico que fazia o peditorio, em vez de um pires,

para
pria
o seu
o pra
que t
o bon
Nã
vel, p
não h
de lo
carne

burro
raccã
Os
apena
com o
mar,
presos
costum

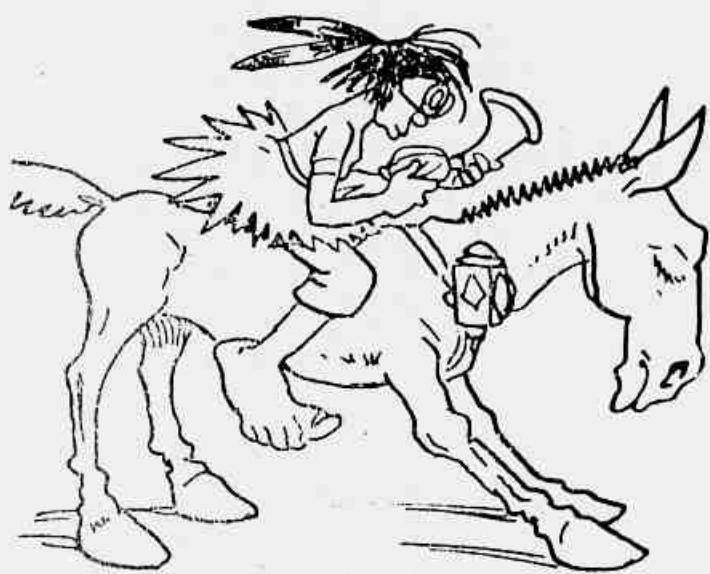
Usav
arco, f
mo por
homem
reito d
castigo

DO RIO DE JANEIRO



para a colheita estendia a própria picareta da sua cavação, o seu instrumento de trabalho — o prato: isto é, um dos pratos que tocava, ao mesmo tempo que o bombo.

Não havia desastres d'automovel, pela razão muito simples de não haver automoveis. O serviço de locomoção era todo feito em carneiromoveis, cabritomoveis,



BURROMOVEL (EN PANNE)

burromoveis e outros moveis de ração animal.

Os guarda-civis não usavam apenas aquelles pauzinhos pretos com que vivem agora a afirmar, no lombo ou no cõco dos presos, a brandura dos nossos costumes.



O CIVIL

Usavam também faca, espada, arco, flécha, além do pau, mesmo porque, nem só de pau vive o homem. Os presos tinham o direito de escolher a que especie de castigo queriam entregar o corpo

na viagem do local do delicto para o xadrez, xadrez que nem era bem xadrez, mas um simples jogo de damas.

Quasi todos os presos, garantiu-nos o Coronel Senna que fazia então a reportagem de policia — quasi todos o que preferiam era o arco



ABRINDO O ARCO

— para o abrir, partindo como umas fléchas — Ribeiros ou não Ribeiros — aos gritos de

— *Supuriquy giriby assú!*...

— que quer dizer em lingua de branco: "Emquanto eu corro meu pae tem filho"...

As casas de modas expunham ás portas e nas montras, ricas *toilettes* apropriadas ao clima, frescas, leves, que eram mesmo umas pennas...



FIGURINO

As lojas de roupas brancas não existiam que os indios só usavam roupa branca... de côr.



O THEATRO EM TUPY DO TEMPO ANTIGO

Theatro só havia um, d'um tio do falecido Dias Braga, em que já se representava o *Conde de Monte Christo*, com uma *mise-en-scène* prodigiosa. As roupas, então, eram magnificas — disse-nos o Sr. Fazenda, que nisso de roupas é entendidissimo, uma vez que é do seu nome que ellas se fazem. Se nunca foi, nessa época, como ha pouco no Apollo, representado o *Conde de Monte Christo* em sessões, foi varias noites quasi completamente representado em sezões, por se acharem muitos artistas atacados de maleitadas.

E aqui está o que pudemos saber do Rio de Janeiro, ao tempo da sua fundação. Da sua afundação, ou melhor das suas afundações por vezes, como, por exemplo, nas ondas do Encilhamento, no mar das *Viúvas Alegres*, nas aguas turvas da Politicagem e, por fim, no oceano, nada pacifico das Greves, diremos mais de espaço...

João Phoca.

(Desenhos de RAUL)

MUITO praticos são os senhores americanos... do Norte, benza-os Deus e não os lamba o gato.

A ultima invenção do seu praticismo é a do "annel para divorciados".

Realmente era uma espiga não ter essa classe, tão numerosa, um distinctivo qualquer, sujeitando as pessoas menos indiscretas a *gaffes* assim:

— V. Ex. bem, minha senhora?... E seu marido?... Optimo, não?...

— Eu, bem, obrigada. Agora meu marido, ignoro... Estamos separados, graças a Deus!...

A cara do interrogador!...

Isto, quando não é peor:

— E sua esposa? Sempre bem?...

— O senhor ousa fallar-me nessa creatura!...

— Eu...

— Não sabe que estamos divorciados?...

Tudo por falta d'um distinctivo da classe, um distinctivo como os cachuchos que os advogados, engenheiros e medicos usam no fura-bolos.

Os americanos acabam de remediar o mal criando o annel dos divorciados.

Mal o marido e a mulher resolvem fazer aquella velha scena do:

— "Dê cá o meu retrato, sua ingrata!..."

— "Deixe-me ver os meus cabellos, seu monstro!"



— "Tome lá as suas cartas, e ensope-as com batatas!..."

...corre logo cada um á casa do joalheiro da sua sympathia e manda transformar em um annel de fórmula especial para o dedo "mindinho", a alliança que até á vespera trouxera no "seu visinho".

Vae dahi, quando tópa a gente uma dama com o tal argolãozinho, no dedinho da dextra, é porque ella é divorciada... Se é um homem que usa o tal annel, tambem no mesmo dedo, da mão direita, já se sabe que só lhe póde perguntar pela esposa... da mão esquerda...

E' pratico e não offende... Esperemos agora que os *yankees* investem um annel para as viúvas... Para as viúvas... alegres, que as tristes, essas têm a distinguil-as, os *crêpes*... os chamados "*crêpes da viuvez*" de que tantos poetas lamechas têm abusado... para versos máos...

RIFÕES

Paga-se amor com amor,
Garante um rifão antigo...
Desmente o rifão — ó flor! —
O que tu fazes commigo.

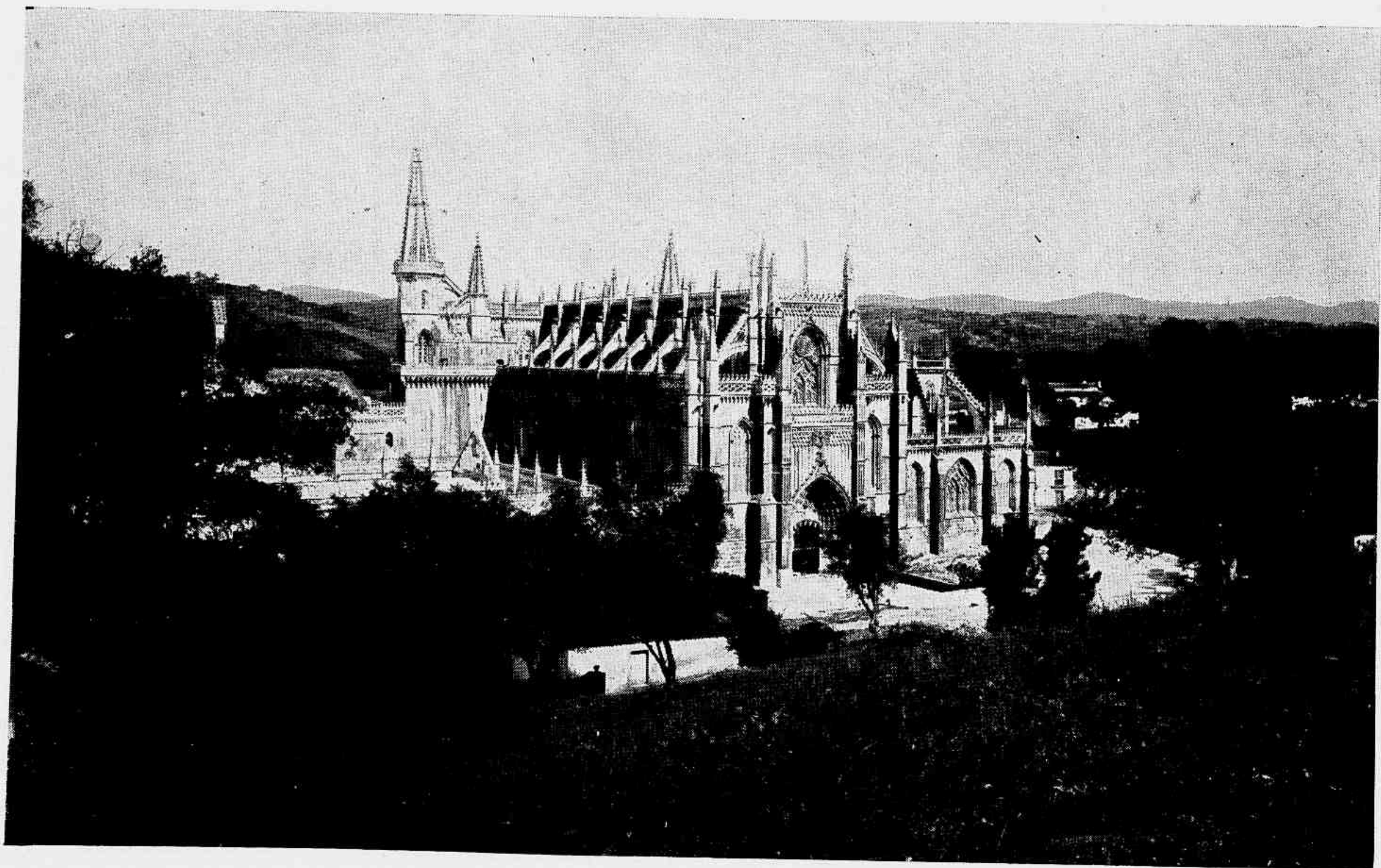
— (o) —

Dizia um radical exaltado:

— Não renuncio aos banhos por ter horror á agua, mas por orthodoxia politica.

— Como é isso?

— Porque depois do banho tenho de recorrer á reacção.



PORTUGAL MUNUMENTAL — O convento da Batalha — Frontaria do monumento

...em ordem de marcha para o cesto...

M. S. — O título do soneto que nos enviou, a linha vermelha, é curto... *Adeus*, — não basta. — Deve chamar-se *Adeus... viola!*... porque ao lê-lo é esse o commentario que vem aos labios: "*Adeus, viola!*... que o soneto é mau..., p'ra burro!..."

Imagine lá o que não será p'ra intelligentes... Para que o publico, porém, não pense que exageramos, lá vão uns pedacinhos:

"E' tarde. E' tarde. Já a coruja pia,
Já sae a lua seductora e bella;
E' tarde. E' tarde. Já me vou, Maria,
Adeus Maria. *Adeus* bella donzella..."

Ora, franca, francamente é ou não de se lhe dar com a bella donzella na cara, até miar? Mas isso é puro Luiz de Camões ao pé dos tercettos, que vão os senhores grammar, na integra:

"Seguindo sempre a tortuosa estrada
Eu, peregrino, toda a noite o faço,
Pois para ver aquella minha amada.

Si, mar, preciso que eu atravessasse,
Fosse, eu me atirava, e o meu saber escasso,
Faria que no mar eu me afogasse..."

Isso é que havia de ser bom, a realização do ultimo verso... Mas qual! não temos essa sorte... Se o poeta, que é d'agua doce, se atirar ao mar, não morre... Pelo contrario, faz uma pescaria magni-

fica, pois é sabido que, quanto mais M. S. mais peixe...

E agora por M. S... Cremos que o poeta do *Adeus, viola!*... não sabe nem quaes são as suas proprias iniciaes... Elle não pôde chamar-se *Eme-esse*... O que deve ser é *Home'-essa!*... que com os apellidos fará um nome assim, completo: *Hom'essa! Que Poeta Tão Mau!*...

MARTYR DO AMOR—assigna-se o autor de uma moxinifada em duas paginas e meia d'lmaço meio puxada a dialogo e intitulada *Eterno mal*, com a dedicatória: *A quem amo*.

O dialogo é entre duas moças da peor sociedade, a julgar pela maneira errada por que fallam, uma das quaes é até aleijada, coitadinha, segundo conta o *Mártel do Amô*:

"...fronte altiva, com dois lindos olhos..."

Ora, desde Vulcano, que tinha o olho na testa (o olho e varias outras coisas) quem tem os luzios, na "fronte", é aleijado...

Mas, vamos adiante. As duas moças, que dialogam, a ver qual diz mais asneiras, chamam-se, segundo o homem do *Eterno Mal*: Clarisse e Odaléa...

Cheira-nos a que um destes nomes deve ser o da tal *A quem amo*, a quem o gajo dedica, o seu destampatorio... Como pôde isso ser exacto, aproveitamos o ensejo para aconselhar á Dona Clarisse ou á Dona Odaléa, que não se fie nesse sujeito. Amarre-lhe a lata e quanto antes, que um homem que escreve tanta tolice junta é capaz de tudo. Será um ma-

A FALTA DE PÃO (Effeitos da gréve)



A multidão aglomerada procurando a compensação no pão do espirito... á porta da "Revista da Semana"

rido indigno; baterá na esposa; - fal-a-á - passar fome; abandon-a-á com tres filhos, menores uns do que os outros, pois será incapaz de ser pae de uns gemeos....

Não se fie, pois Dona Odaléa; Dona Clarisse, corra-me com esse monstro que lhe pôz uns ollos na fronte... E não creia, uma ou outra, que elle seja *Martyr do Amor*!... Não vê... A grammatica é que é martyr delle... A grammatica e o bom senso...

VIOLETA — autora de um soneto mau, como as cobras, intitulado *Magua de um coração*, pede-nos o nosso parecer *sinsero* (a rapariga é phonetica como o diabo) e franco. Ahi vae elle:

— O' filha !...

Allih Nodhuro.

—(o)—

A *Revista da Semana* tambem teve o seu informantezinho especial sobre as coisas da Bahia. Foi um passageiro do *Cap Verde* que gentilmente se prestou a ser interrogado por nós.

Eis as perguntas que lhe fizemos e a que elle respondeu com a firmeza e a segurança de quem falla a verdade, não totalmente nua porque seria

indecente — mas de tanga — a verdade de tanga e erúa:

Nós — O cavalheiro viu a revolução na Bahia, o encontro da policia com o exercito ?...

ELLE (sem fallar, num gesto apenas de cabeça) — Não !....

Nós — Não viu, mas ouviu, então... Ouviu o bombardeio, os tiros, os gritos dos feridos....

ELLE (n'outro gesto e sem fallar) — Não !.

Nós — Fallou a algum dos chefes governistas ou opposiicionistas ?...

ELLE (ainda n'outro gesto e sem fallar) — Não !...

Nós (já meio desesperados, num berro) — Porque ?

ELLE (por escripto, na mesa de marmore do café, onde o fomos encontrar) — “Porque sou surdo-mudo....”

Só nos restava agradecer e partir. Foi o que fizemos... sem pagar a despeza...

—(o)—

Em um restaurante:

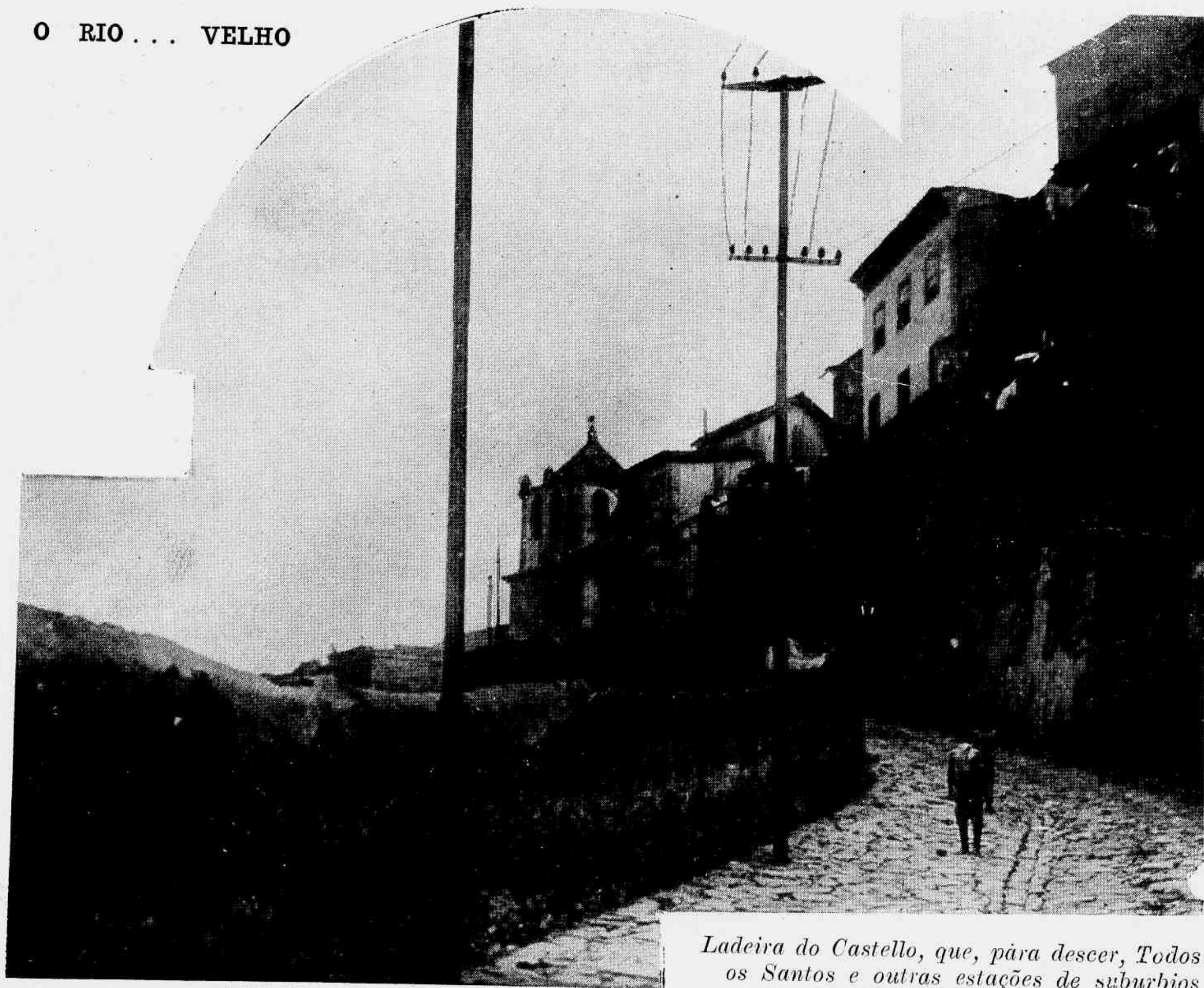
— Esta sopa tem um cabello !

— Mas é branco...

— E então ?

— Disseram-me que sempre se devem respeitar os cabellos brancos.

O RIO ... VELHO



Ladeira do Castello, que, para descer, Todos os Santos e outras estações de suburbios ajudam... Para subir, nem por isso...



THEATRADA

Creio que não lhes conto novidade alguma, dizendo que, ao ponto a que chegámos, já não ha *Theatro*, no Rio de Janeiro. Quando muito, fazem-se por ahi *theatradinhas*...

E' triste mas é verdade. Os autores (?) escrevem tudo; as companhias montam tudo; a critica (?) louva tudo; o publico acceita tudo — o que tudo sommando dá: nove fóra, nada.

Os espectaculos por sessões que trouxeram um pouco d'animacão á vida theatral carioca, um pouco de alento material — só material, não nos illudamos — aos actores e actrizes nacionaes, foi uma idéa estragada, deitada fóra, pela febre da imitação, a principio, depois pelo vicio, tão da rua do Espirito Santo e adjacencias, da *réprise*.

Vicio, sim, vicio de todos os empresarios e directores de *troupe*, nesta terra onde toda gente entende de *theatro*, e vicio posto em pratica da mais errada maneira, porque a *réprise* só póde ser tolerada quando possa ser feita com mais brilho, mais matadores do que a primitiva. No Rio usa-se o contrario, justamente. Para uma *réprise* tudo serve.

Vae d'ahi, na ancia de alimentar a corrente de publico que se encaminhava para os espectaculos por sessões, que fizeram as empresas? Puzeram em scena peças novas do genero, pequenas, curtas, mas interessantes, coherentes, com principio, meio e fim?...

Isso sim!... Montaram peças grandes, antigas, velhas, estafadas, cortadas aqui e além, podadas á má-cara, estropiadas enfim. Foi um desastre

completo, sem contar que foi um attentado contra os legitimos autores que tiveram os seus trabalhos indignamente mutilados.

O resultado é que o *theatro* por sessões agonisa, está nos ultimos arrancos...

Emquanto, porém, não dá o ultimo suspiro, vejamos o que vae por ahi por esses... por essas casas de espectaculos.

* No S. Pedro a *troupe* Christiano distribue
* * todas as noites 60.000 dollars que vem a ser tres sessões de 20.000 dollars cada uma.

Peça de lances e de situações, cheia de effeitos seguros, impressiona e agrada, e mais impressionaria e agradaria se não tivessem os artistas que representar com o relógio na mão e o publico lá fóra no saguão, á espera de vez como nos barbeiros, aos sabbados.

* O S. José, fornece, por preços de cinema
* * *Comes e bebes*, á sua clientella. Seria o ideal isso, nestes tempos de grêves de cozinheiros e padeiros, se os *Comes* tivessem mais sal e menos pimenta e se os *Bebes* não fossem tão sem "espírito"...

* O Recreio com a *de Pharaó* esforça-se por
* * provar que as *Côrtés* ainda teem prestigio, neste seculo de democracia aguda. Não o consegue quanto seria para desejar porque a peça tem uma partitura difficilissima e, na companhia, são mais as nozes do que as vozes.

* No Pavilhão temos o *Sem rei, nem roque*...
* * nem graça. Dizem que o Dr. Pio da Policia — o pio da policia, antigamente era o apito, agora é a Censura — andou a cortar coisas innumeradas á peça... Das duas uma: ou o Dr. Pio cortou tudo quanto prestava, ou devia ter cortado o resto.

* A *perola encantada* do Cinema Rio Branco
* * parece que era Montana... Talvez que o autor a fizesse assim falsa de proposito, convencido de que fazel-a melhor seria dar perolas a... quem não as merece...

Vae, então, resolveu o Rio Branco dar aos seus clientes, em vez da *Perola*, o *Carnaval*, revista de João Claudio.

* No Chantecler foi operada a velha *Filha do*
* * *Inferno* que depois da amputação ficou-se





chamando *Amores do diabo*, como no original francez. O estado da operada inspira serios cuidados, coitadinha !...

* A *troupe* Lahoz, de opereta italiana, não
* * tem sido feliz no Apollo. E' que, não sendo má de todo, também não é de toda boa a companhia. Assim, assim... D'ahi, nada mais natural que ter publico também, assim-assim...

* O Palace-Theatre está armado em café-con-
* * certo...Ha por lá excêntricos que fazem coisas do arco da velha, cães que fallam, cançonetistas que miam, outras que cantam, outras que encantam, outras que nem por isso, mil coisas emfim muito boas... para quem gosta.

E ahí têm os senhores, como se diverte a gente no Rio, á noite.

João José.



FÉRIAS nos arraiaes do pessoal do *muque*, nos dominios do *Desporto*, que é assim que o Sr. Candido de Figueiredo quer que se chame, portuguezmente falando, toda essa engenhóca de diversões e exercicios physicos, estrangeiramente englobada na designação *Sport*.

Férias, pois, no mundo sportivo, férias devidas a cannicula e a soalheira deste Janeiro d'assar pas-sarinhos.

*
* *

Os cavallos de raça, caros como fogo, nervosos

como meninas que brigaram com os namorados, cor-redores como um relógio de taxi-auto, os "cavallos parelhinhos" — como se dizia d'antes — mais felizes do que nós, fugiram ao calor e lá se foram ve-ranear para Friburgo e para S. Paulo, terras onde o fresco abunda.

No Rio, ficaram apenas os corseis militares, os ginetes dos equitadores elegantes, as parelhas dos carros ricos ou das victorias de praça e as piléas dos tilburys, pensando — coitadinhas ! — no dia, proximo em que, á falta de serviço, irão aproveitar a *ossiosidade* (abundancia de ossos) numa fabrica de botões e de pipos de seringa...

*
* *

A valente mocidade do athletismo também des-cança, que não é biscoito, com este sol de rachar, andar aos pontapés a um balão cheio d'ar, que nem sequer é fresco; ou ás remadas numa guiga, por essa bahia — mesmo porque não está para graças a Bahia; ou ás pedaladas numa bicycleta, a correr, numa pista de velodromo, como a policia belizaria — uma policia que não chega a ser de quatro vintens, pois que um Belizario só vale 50 réis — na pista d'um gatuno...

Nada, pois de interessante, no mundo dos *Sports*. — Esperemos que o tempo refresque...

Master Moock.

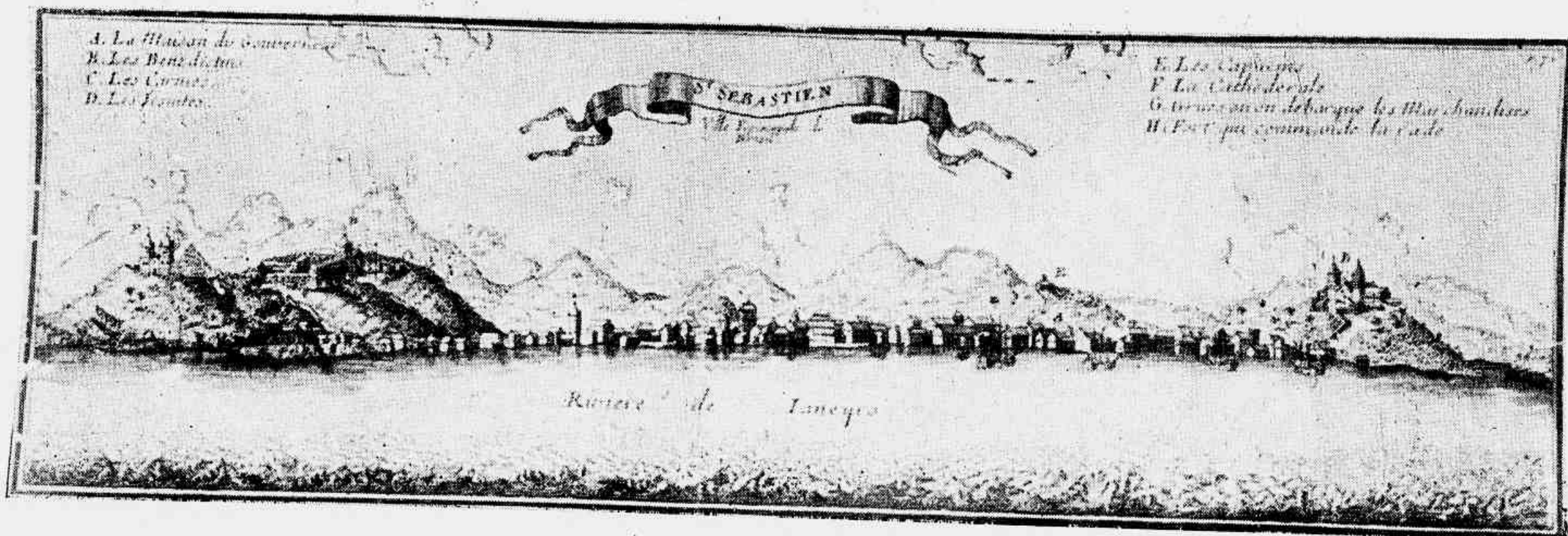
Uma *piada* de Guerra Junqueiro, contada por Fialho d'Almeida:

A' esquina do Mattos Moreira, uma tarde, pas-sa Trigueiros de Martel num cavallo inglez de pello ruivo, rabo cortado, e pernas de saltão. Como era d'estatura pequena, occuparia, montado, se assim se póde dizer, um canto do animal.

— O' Trigueiros de Martel, diz-lhe Junqueiro. esse cavallo é teu ?

Faz o outro que sim, com a cabeça.

— O que ! ? Todo ! ?...



O Rio no tempo em que se amarrava cachorro com-linguiça



JOÃO PAULINO



66° GRANDE CONCURSO MENSAL — 4 coupons do mez de Janeiro

1° premio — *Uma magnifica surpresa.* Do 2° ao 10° retratos na galeria da *Revista da Semana*.

Os amiguinhos devem juntar os 4 coupons que têm os dizeres *Concurso Mensal* e remette-los até o dia 6 de Fevereiro proximo.

rata da Silveira; 28 Raul Henrique Velludo; 29 Adelina V. Guimarães; 30 Maria Ondina Guimarães dos Santos.

31 Hylda Rosa da Costa; 32 Athos Figueiredo Vargas; 33 Jorge Figueiredo de Souza; 34 Paulo Torres; 35 Maria Torres; 36 Laura Gomes; 37 Sylvia Paulmann; 38 João Manuel da Fonseca; 39 Marília Marques de Oliveira; 40 Waldemar Carvalho.

41 José Antonio Lopes Filho; 42 Esmeralda

312° CONCURSO SEMANAL

Resultado do sorteio do 312° concurso semanal do João Paulino, realizado sabbado ultimo, ás 2 horas da tarde, na sala da redacção da *Revista da Semana*, na Avenida Central ns. 110 e 112, 1° andar.

Foi sorteado com o primeiro premio o n. 62, pertencente a menina Alice Costa Pereira.

Do 2° ao 6° retratos na galeria da *Revista da Semana*.

2°—N. 41—José Antonio Lopes Filho.

3°—N. 23—Waldemar Cesar.

4°—N. 13—Mercedes Lassance de Abreu.

5°—N. 6—João da Costa Ferreira.

6°—N. 34—Paulo Torres.

Enviaram soluções certas os amiguinhos seguintes:

1 José Carlos Levrero; 2 Arnaldo Morgado da Hora; 3 Mario de Oliveira Brandão; 4 João Ribeiro Junior; 5 Lydia da Conceição; 6 João da Costa Ferreira; 7 Lucia Wrencher; 8 Ascendino Sampaio; 9 Theodoro; 10 Anselmo O. Carneiro.

11 Nestor Avelino Pinto Guimarães; 12 Emilia do Nascimento Mesquita; 13 Mercedes Lassance de Abreu; 14 Mario Rocha Pinto; 15 Jandyra Rocha Pinto; 16 Maria do Carmo Dias Leal; 17 Donguinha Dias Leal; 18 Homero Dias Leal; 19 Filhote Dias Leal; 20 Antonio Gêa Ribeiro.

21 Maria Pinheiro; 22 Lino de Almeida; 23 Waldemar Cesar; 24 Elione Gomes; 25 Odette Castro da Veiga Pinto; 26 Maria Rocha; 27 Celestino Ba-

SOLUÇÃO DO 313° CONCURSO



As soluções serão recebidas até sexta-feira, 26 ao meio dia, e o sorteio realizar-se á sabbado, 27 de Janeiro de 1912, ás 2 horas da tarde, podendo a elle assistir todos amiguinhos que desejarem, á Avenida Central 110 e 112.

66° Concurso mensal

20 de Janeiro de 1912

3 «Revista da Semana»

Brinde do Cinema Excelsior—271 Rua do Cattete 271. Este bilhete dá ingresso gratuito aos amiguinhos, que não tiverem mais de 12 annos, leitores do *João Paulino*: na *matinée* de domingo de 21 Janeiro.

314° CONCURSO



Formar com estas coisas uma carranca

PREMIOS — Ao 1°, Uma boneca e retrato na galeria da *Revista da Semana*; ao 2° um Album Alegre; do 3° ao 6°, retratos na mesma galeria

Suplemento do «João Paulino»

314 CONCURSO

«Revista da Semana»

AVENIDA CENTRAL 110 e 112

Mendes Alves; 43 Mario Alves; 44 Jorge Alves; 45 Vicentina da Silva; 46 A. Vaz; 47 Waldemar da Silva; 48 Dinorah Ribeiro da Cunha; 49 Octavio Augusto da Silva; 50 João Pereira.

51 Emilia; 52 Alcides; 53 João José de Paiva; 54 Manuel

José de Paiva Netto; 55 Thalita Esteves de Castro e Silva; 56 Matheus José de Paiva; 57 Maria Hygina de Paiva; 58 Edma Machado; 59 Irinéa Marcondes Vicente; 60 Sebastião Amarante. 61 João José de O. Arnaut; 62 Alice Costa Pereira.

65° CONCURSO MENSAL

Foi sorteado com o primeiro premio o n. 2 pertencente a menina Sylla Soares Fraissard.

Do 2° ao 10° retrato na galeria da *Revista da Semana*.

2°—N. 7 — Maria do Carmo Dias Leal.

3°—N. 13 — Zulmira Coelho Matheus.

4°—N. 16 — Mario Alves.

5°—N. 19 — Dinorah Ribeiro da Cunha.

6°—N. 24 — Adelina V. Guimarães.

7°—N. 34 — Helena de Saldanha.

8°—N. 34 — Raul Henrique.

9°—N. 48 — José A. F. Cunha.

10°—N. 49—João Manuel Ribeiro.

Enviaram os quatro *coupons* relativos ao mez de Dezembro ultimo, os seguintes amiguinhos, pelo que entraram em sorteio que se realizou na terça-feira, 16 do corrente, ás 2 horas da tarde, na sala da redacção da *Revista da Semana*, na Avenida Central ns. 110 e 112, 1° andar.

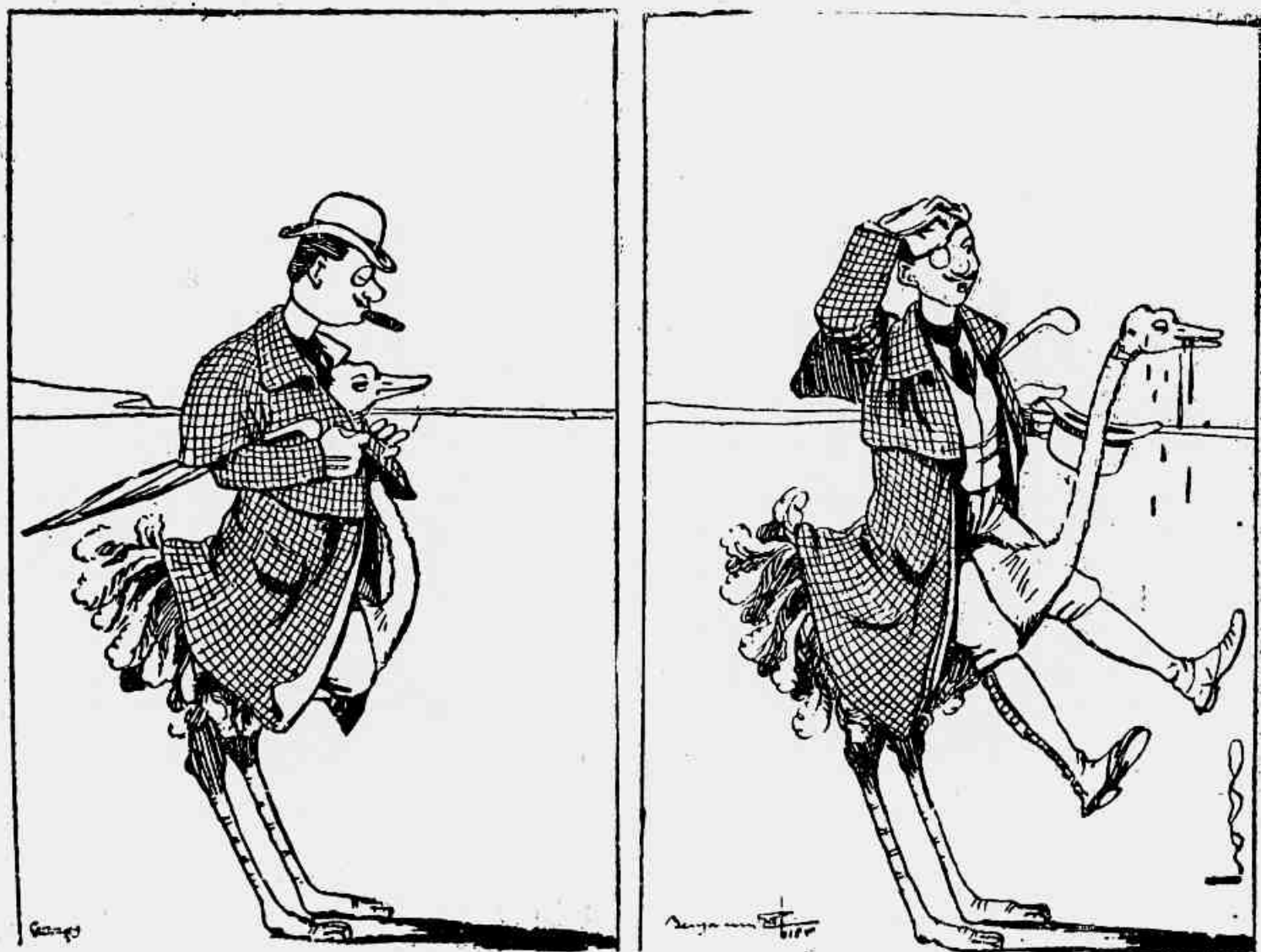
1 Jorge Figueiredo de Souza; 2 Sylla Soares Fraissardo; 3 Nestor Avelino Pinto Guimarães; 4 Jandyra Rocha Pinto; 5 Mario de Oliveira Brandão; 6 Guiomar Costa; 7 Maria do Carmo Dias Leal; 8 Donguinha Dias Leal; 9 Homero Dias Leal; 10 Filhote Dias Leal.

11 Santinha Dias Leal; 12 Arnaldo Morgado da Hora; 13 Zulmira Coelho Matheus; 14 Maria Ondina Guimarães dos Santos; 15 Jorge Alves; 16 Mario Alves; 17 Vicentina da Silva; 18 Waldemar da Silva; 19 Dinorah Ribeiro da Cunha; 20 Alice Vaz.

21 Octavio Augusto da Silva; 22 Hylda Rosa da Costa; 23 Odette Castro da Veiga Pinto; 24 Adelina V. Guimarães; 25 Emilia do Nascimento Mesquita; 26 Waldemar Cesar; 27 Maria Laura Gomes; 28 Nelson Cruz; 29 Luiz Vinchon; 30 Helena Saldanha.

31 Elione Gomes; 32 Waldemar Carvalheira; 33 Ascendino Sampaio; 34 Raul Henrique; 35 Sylvia Paulmann; 36 João Ribeiro Junior; 37 João Manuel da Fonseca Netto; 38 Giovanni Ferdinan-

Um ardil de um pandego na Africa



(HISTORIA SEM PALAVRAS)

do; 39 João José de Paiva ;40 Manuel José de Paiva Netto.

Thalita Esteves de Castro e Silva; 42 Matheus José de Paiva; 43 Maria Hygina de Paiva; 44 João Pereira Filho; 45 Emilia Pereira; 46 Alcides Pereira; 47 Odette Foussanit Braga; 48 José A. F. Cunha; 49 João Manuel Ribeiro.

Em uma agencia de criadas:

Uma senhora quer tomar uma preta para olhar por crianças.

— As suas condições não me desagradam — diz a senhora — mas você gosta de crianças ?

— Sim, senhora; comi muitas no meu paiz quando pequena.

A SAMARITANA



A mais deliciosa agua de mesa,

até hoje conhecida

Infallivel nas molestias do
Estomago, Fígado,
Gotta, Diabetes, Rins, Be-
xiga, Intestinos

Laboratorio de Analyses Chímicas e Microscopia

DE

JOSÉ FREDERICO DE BORBA & ADELINO L'AL

Rua José Bonifacio n. 12

S. PAULO

Analyse de agua, enviada pelo Sr. J. Loureiro
 POR ORDEM DO MESMO SENHOR

RESULTADO POR LITRO

Materia organica, calculada em oxigenio	
cedido pelo permanganato de potassio	0.00096
Residuo secco a 105. n C. s.....	0.5944
Residuo calcinado ao rubro nascente ...	0.5600
Perda pela calcinação no residuo.....	0.0344
Silica	0.0201
Acido sulfurico, em 50. s.....	0.0660
Acido chlorhydrico, em Cl.....	0.008
Ferro e alluminio, em oxydos	0.0009
Calcio, em oxydo	0.001
Magnésio	traços
Gaz carbonico, combinado	0.2072
Potassio e sodio, por differença.....	0.2568

E' agua mineral da classe dos alcalinos, das
 quaes tem a reacção e não encerra nitratos, nitritos,
 sulfuretos nem saes ammonicaes.

Companhia Melhoramentos Poços de Caldas

Unicos depositarios para o Rio de Janeiro e Estados do
 Norte do Brasil:

RAMIRO COSTA & SCHLOBACH
98 RUA GENERAL CAMARA 98
 ENDEREÇO TELEGRAPHICO **STAR**

Caixa Postal 952

RIO DE JANEIRO

Unicos depositarios para S. Paulo e Estados do Sul:

PRATES DA FONSECA & C.
 Rua da Conceição 92 — S. Paulo

Tenha a certeza de que é uma Victor-Victrola

O leitor não pode obter a linda qualidade sonora da Victor-Victrola em qualquer outro instrumento.

Este maravilhoso tom, tão cheio de suavidade, clareza e melodia, é inimitável.

Esta é a razão porque a Victor-Victrola tem a supremacia.

Não se esqueça nunca de verificar se a famosa marca da fábrica Victor se encontra no interior do gabinete e no interior da tampa e em cada disco Victor.



Victor-Victrola X, Rs. 300\$000

Outros modelos desde Rs. 400\$000 a Rs. 1.000\$000
Outros tipos da machina Victor desde Rs. 40\$000 a Rs. 400\$000

Entre em qualquer estabelecimento onde veja a marca da fábrica Victor e peça para ouvir a Victor-Victrola.

O leitor ficará maravilhado com o seu tom maravilhoso e sairá sentindo maior amor pela musica e maior apreço por este soberbo instrumento.

Victor Talking Machine Co., Camden, N. J., E. U. da A.

Para se obterem os melhores resultados usem-se unicamente as agulhas Victor com os Discos Victor.



Exija sempre a famosa marca da fabrica Victor

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Revista da Semana:

Exterior: Anno.....	20\$000
(Registrado)...	30\$000
Brasil: Anno.....	15\$000
(Registrado).....	25\$000
» Semestre.....	8\$000
(Registrado).....	18\$000

Jornal do Brasil:

Exterior: Anno.....	60\$000
Brasil: Anno.....	30\$000
Semestre.....	16\$000

LOTÉRIAS DA CAPITAL FEDERAL

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal,
às 2 1/2, e aos sabbados, às 3 horas, à rua Visconde de Itaborahy n. 45

Segunda-feira
22 do corrente

50:0000\$

231 -- 16ª

Por 4,000

Correspondencia á Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, caixa n. 41, rua Primeiro de Março n. 88. Rio de Janeiro.

Os pedidos de bilhetes do interior devem ser dirigidos aos agentes geraes Nazareth & C., rua Nova do Ouvidor n. 14 (antigo 10), nesta capital, acompanhados de mais 500 rs. para o porte do Correio.

O APIOL

Dos D^{res} JORET & HOMOLLE

REGULARISA OS MENSTRUOS

IMPEDE AS DÔRES, ATRAZOS

SUPPRESSÕES, ETC.

Dose : Uma ou duas Capsulas manhã o noite
PARA EVITAR os MAUS EXITOS

EXIGIR :

O APIOL dos D^{res} JORET & HOMOLLE

DESCONFIAR DAS IMITAÇÕES

Ph^{cia} G. SEGUIN, 165. Rue St-Honoré, Paris

TODAS PH - RMACIAS

AGUA DE LÉCHELLE Hemostatica

Emprega-se nas Hemorragias nos Escarros
• Vomitos sanguineos, nas Perdas uterinas.
SÉGUIN. 165, Rue Saint-Honoré, PARIS.

VINOLIA

SABÕES
E ARTIGOS
DE TOUCADOR.



O PERFUME VINOLIA.

Não ha presente mais apreciado pelas senhoras que uma elegante caixinha de perfumaria Vinolia. Recomendamos mui especialmente:--

Royal Rose, Violette Fleurie, Tulipe d'Or.

V 251

Vin Désiles

O MELHOR TONICO E O MAIS EFFICAZ

Superior a todos os Vinhos de Quina conhecidos.

E' o **VIGOR** e a **SAUDE** ao invidos cada dia
sob a forma de uma agradavel bebida.

A' VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS

AO PUBLICO
Carnaval de 1912

A Perfumaria Gaspar
*a conhecida casa de
perfumarias da*

PRAÇA TIRADENTES 18

Proximo á rua 7 de Setembro
*participa aos seus
amaveis freguezes e
aos carnavalescos em*



*geral que acaba de
receber grande sorti-
mento de artigos para
o Carnaval, como se-
jam: lança-perfumes,
serpentinhas, mascaras,
diabinhos, clowns, do-
minós e fazendas pro-
pias para fantasias de
todos os generos, assim
como declara tambem
que o Principe dos
perfumes é o*

ONDINA

*a marca mais pro-
curada por todas as
Exmas. familias.*

Rio de Janeiro

Telephone n. 1.112



ENCONTRA-SE

Em todas as perfumarias

PERFUMES

DES ROSES e RÉMIA

Do melhor fabricante francez

V. RIGAUD

PARIS



ENCONTRA-SE

Em todas as perfumarias

ALFREDO SILVA, O REI DO RISO... POR SESSÕES



REVISTA DA SEMANA

CHRONOMETRO
PATEK-PHILIPPE
GONDOL & LABOURIAU

CICHERO
FOT. ACADÉMICA

A SAMARITANA



A mais deliciosa agua de mesa,
 até hoje conhecida

Infallivel nas molestias do
 Estomago, Figado,
 Gotta, Diabetes, Rins, Be-
 xiga, Intestinos

Laboratorio de Analyses Chímicas e Microscopia

DE

JOSÉ FREDERICO DE BOBBA & ADELINO LEAL

Rua José Bonifacio n. 12

S. PAULO

Analyse de agua, enviada pelo Sr. J. Loureiro
 POR ORDEM DO MESMO SENHOR

RESULTADO POR LITRO

Materia organica, calculada em oxigenio cedido pelo permanganato de potassio	0.00096
Residuo secco a 105. n C. s.....	0.5944
Residuo calcinado ao rubro nascente ...	0.5600
Perda pela calcinação no residuo.....	0.0344
Silica	0.0201
Acido sulfurico, em 50. s.....	0.0660
Acido chloshydrico, em Cl.....	0.008
Ferro e alluminio, em oxydos	0.0009
Calcio, em oxydo	0.001
Magnesio	traços
Gaz carbonico, combinado	0.2072
Potassio e sodio, por differença.....	0.2568

E' agua mineral da classe dos alcalinos, das
 quaes tem a reacção e não encerra nitratos, nitritos,
 sulfuretos nem saes ammonicaes.

Companhia Melhoramentos Poços de Caldas

Unicos depositarios para o Rio de Janeiro e Estados do
 Norte do Brasil:

RAMIRO COSTA & SCHLOBACH

98 RUA GENERAL CAMARA 98

ENDEREÇO TELEGRAPHICO **STAR**

Caixa Postal 952

RIO DE JANEIRO

Unicos depositarios para S. Paulo e Estados do Sul:

PRATES DA FONSECA & C.

Rua da Conceição 92 — S. Paulo



OUVE tempo em que podia um cidadão andar por essas ruas, de dia, de noite, ou a outra qualquer hora, sem ter o aborrecimento de esbarrar com um mendigo, todo cheio de não presta, a pedir num tom lamuriento:

— Uma esmoinha pelo amor de Deus.

— Um tostãozinho pelas chagas dos seus parentes...

Seu Passos acabara com os peditórios de esmolas e a gente andava ufana com essa vantagem da nossa capital sobre quasi todas as outras. Na Europa, ao ver os mendigos que enchem as ruas das principaes cidades, dizia o carioca á bocca cheia:

— Lá no Rio não ha disso !...

Dizia, mas já não póde dizer, nem á bocca cheia, nem á bocca vasia, porque os mendigos voltaram. Já não póde sentar uma pessoa á *terrasse* dum café que o não assaltam seis crianças orphans de pae, mãe e outros parentes; doze velhinhas necessitadas; quatorze esposas com os quatorze maridos na Santa Casa; vinte e seis *chugas* com um pedaço do bicho ainda por matar; quarenta e nove moradores de Jacarépaguá que precisam inteirar a conta para a passagem... um mundo de pedintes...

Ora, o pedinte tem todos os inconvenientes e mais um: e é o de fazer, quem recebe o pedido, metter a mão no bolso...

A's vezes—tão pretas andam as coisas — em vez de uma desgraça só, alli, em plena rua, são duas: a do pobrezinho por não *levar* nada na transacção e a do outro por se lembrar de que está a nenhum, apitando que nem maduro...

*
* *

PUBLICOU um jornal que, na India, certas religiões prohibem que uma moça case antes de terem casado as irmãs mais velhas...

Mostrei o recorte do tal jornal a Mlle. Nicota, gentil filha da viuva Godoy, digna mãe de quatro jovens já querendo deixar de o ser — querendo, ou não querendo — afóra a citada Nicota que é a caçula e que ha cinco annos emperrou nos 21 que não ha quem a tire dahi...

Ficou fula, Mlle. Nicota, foi aos arames.

— Olhem que espiga, se a moda péga no Rio !...

— Não será difficil, disse-lhe eu, para a consolar. O Rio gosta tanto de imitar o que se faz lá por fóra...

— Não diga isso, nem brincando, homem de Deus !... Lembre-se de que eu tenho quatro irmãs mais velhas de que eu e que não saem nem a páo. Coitada de mamãe tem feito tudo: é bailes, "pic-nics", Avenida e rua do Ouvidor p'ra baixo e p'ra cima, missas aos domingos, cinemas nos dias de moda, sempre umas com os vestidos das outras, sempre outras com os chapéos das umas, para variar, e nada !... De noivo nem o cheiro... Ora, se eu tenho que esperar por ellas estou frita... Tenho mesmo que ficar para tia...

— E tia sem sobrinhos, o que é peor... — atalhei, sempre para a consolar — que eu cá, acho que os amigos são para as occasiões...

— Que horror !

Mas, de repente, teve uma idéa...

— Ah ! já sei o que faço... Se esse costume pegar aqui, passo a dizer que eu é que sou a "prima Eugenia"...

— A prima Eugenia ?...

— Sim a mais velha de todas...

Compreendi. Mlle. Nicota em vez de primogenita, diz *Prima Eugenia*...

Está no seu direito, a lingua é della, a bocca é della, a voz é della...

*
* *

O ANASTACIO, Deus Nosso Senhor que lhe perdôe, é estúpido como cinco portas fechadas e com as chaves perdidas...

Vae dahi, ouvindo falar por toda parte em semana de aviação e aviação p'ra cá e aviação p'ra lá, resolveu aproveitar o ensejo para pegar no bico...

Mas pegou errado... porque foi ao Sr. Seabra que o Anastacio foi procurar, ao Ministerio, para dar parabens...

— Parabens, ora essa e porque ?

— Pelos seus successos...

— Pelos meus successos ?

E, já queimado disse, secco:

— Não sei ao que se refere o Sr. Anastacio...

— Ora se sabe... Dou-lhe os parabens porque sei que vae realizar a sua semana...

— A minha semana ?...

— Sim, a semana da Viação... Ora como o senhor é o Ministro da Viação, é a sua semana...

Ah ! que se lhe dá um vento por traz e o Anastacio, cae de quatro, nunca mais se levanta...

(Desenhos de Luiz).

Pepe.





AH! MEU TEMPO!

POLKA, A' MODA ANTIGA,

COMPOSTA POR
UM PATUSCO REFORMADO



RAUL

COMPOSIÇÃO MUSICAL.
INEDITA, DO SAUDOSO
DR JOSE' CANDIDO
DE LACERDA COATINHO

Introdução

The musical score is written for piano in 2/4 time. It consists of six systems of staves. The first system is labeled 'Introdução'. The score includes various musical notations such as treble and bass clefs, key signatures (one flat), time signatures, and dynamic markings like 'rall'. There are also performance instructions like 'di!' and '8a'.